

NOVAS PAGINAS DE NOTAS

ÁS

“TROVAS E CANTARES”,

ISTO É Á

**EDIÇÃO DE MADRID DO CANCIONEIRO DE LISBOA,
ATTRIBUIDO AO CONDE DE BARCELLOS.**

NOVAS PAGINAS

DE

NOTAS.

Quando, ha mais de dezoito annos, entregámos ao dominio público a nossa modesta edição do Cancioneiro do Collegio dos Nobres, logo declarámos ser ella provisoria, e apenas “de ensaio e de estudo” * tendo por fim divulgar as poesias, para que ellas se “estudassem melhor” **, e para que depois os criticos podessem sentenciar, com conhecimento de causa, acerca de certos conjecturas que aventuravamos sobre o mesmo Cancioneiro, epoca das poesias, ordem em que deviam collocar-se, inclusivamente as das folhas que andavam extraviadas, etc.

No intuito de não afugentar leitores,—de pelo contrario facilitar quanto possivel a leitura, tor-

* Vej. p. 346.

** Vej. p. 346.

nando-a independente de noções paleograficas, as-
sentamos de offerecer as poesias sem abbreviaturas,
com pontuação, e com a orthografia um tanto regu-
larisada, afastando-nos completamente do nosso
predecessor Stuart, que, alem de ter emprehendido
uma edição previligiada e de mui poucos exem-
plares (de vinte e cinco segundo Raynouard *),
havia-a deixado quasi de tão difficil leitura como
o proprio original manuscrito em lettra gothica,
do qual conservára, não só as abbreviaturas e a
falta de pontuação, mas até a falta de ligação nas
syllabas de muitas palavras quasi como se esti-
vessem escriptas para solfa. Deste modo se lê
nessa edição (se assim estava no codice) *fazauer,*
miaren, pder, en ue ia, em lugar de *faz aver,*
mi á ren, perder, enveja etc.; systema mui facil
para o editor (e que lhe tira toda a responsa-
bilidade, a qual passa inteira ao copista e ao typo-
grapho) mas muito ingrato para o leitor, que se
vé obrigado a estar soletrando palavras e a estudar
onde acaba cada verso, operações puramente mate-
teriaes, que se lhe deveriam haver poupado, afim
de lhe deixar a attenção descansada, e poder melhor
apreciar as composições poeticas na sua essencia,
ou descobrir de relance as passagens ainda menos
bem interpretadas. — Ao apartarmo-nos de tal
systema, — ao preferirmos apresentar desta vez
as poesias com o aspecto menos barbaro e anti-
quado que nos fosse possivel, diziamos (p. XIV):
“E’ claro que muito mais facil nos fôra imprimir

* *Journal des Savants*, Agosto de 1825, p. 488—495.

o livro tal qual está; mas além de que houve já quem tomasse esse trabalho, sem que dahi resultasse grande vantagem, pelo illegivel que ficou, não quizemos sacrificar a um escrupulo de bibliophilo a convicção de que produziríamos assim livro mais util e comprehensivel." — A estas linhas acrescentavamos logo mais algumas (p. XX) testemunhando nossa gratidão pelo serviço previo de Stuart, e enunciavamos a opinião, de que o nosso trabalho, com todos os seus defeitos e incorrecções (providas umas de nossos escaços conhecimentos neste ramo da philologia hoje tão estudado, e outros do muito a que tinha a attender quem arrancava tantos versos, por assim dizer, ao mesmo tempo do cahos), contribuiria a "que se viesse a estudar mais facilmente o livro", — que até então quasi não se lia.

Realisou-se a nossa predicção, cumprindo-se em tudo os nossos desejos. — Ha deoito annos a esta parte o Cancioneiro tem sido sem questão muito mais lido e estudado, e com muito maior proveito para as letras do que havia sido nos vinte e seis annos, desde que saíra dos prelos da embaixada ingleza em Paris a parte delle, que então se conhecia. Ainda não se havia cumprido um anno depois de feita a nossa edição, e ja o até então "mysterioso e quasi illegivel cancionero" (como lhe chamavamos, p. 346), que antes apenas atrahira a attenção de uns poucos de philologos antiquarios, havia sido lido e apreciado por muitos litteratos e poetas, que na anterior edição mui a custo haveriam chegado a ler meia pagina.

Seguiram-se estudos mais profundos do livro, como nunca se tinham feito, fizeram-se-nos observações mui sensatas, já por escripto, já de palavra, que nos estimularam a novos estudos e exames, e hoje nos julgamos habilitados, senão ainda para empregar uma nova edição, para offerecer estas poucas paginas emittindo algumas opiniões diferentes das que tinhamos, e apontando varias correções que se devem fazer no livro.

E em primeiro lugar diremos que ante a evidencia dos factos, nos vemos obrigados a renunciar á opinião em que estavamos (cingindo-nos á do grande mestre João Pedro Ribeiro) de que todas as composições do cancionero fossem obra de um só poeta; opinião que já seis annos antes d' elle (em 1830) havia sido emittida na Allemanha por um douto philologo, * que ate hoje tem seguido estudando com proveito o nosso Cancioneiro.

Pelas leituras ate agora por nós feitas no volumoso cancionero da Vaticana, de que temos copia completa (tirada em 1857 de um exemplar que existe na Hespanha e confrontada pessoalmente por nós com a de Roma em 1858), havemos ja encontrado os nomes dos autores de cincoenta dos cantares contidos no nosso codice, os quaes, com pequenas variantes, se acham ahi transcriptos, com os mesmos nomes designados.

Cumpra porém advertir que este facto, cuja possibilidade foi por nós prevista (nas pag. XIV e 341) não se opporia inteiramente a que, ainda

* Fried. Dietz, em um artigo do "Jahrbuch für wissenschaftliche Kritik", n.º 21 e 22, de Fev. 1830, col. 161—172.

assim, podesse o nosso Cancioneiro ser, com alguma probabilidade, considerado como o "Livro das Cantigas", deixado pelo Conde de Barcellos, se do exame dos fragmentos de Nobiliario, que a elle estava annexo, escripto em "letra que parece pertencer ao seculo XIV"* nada se encontra que se opponha a consideral-os como uma genuina parte da obra, que a tal respeito estão concordes os autores ter sido redigida pelo Conde, e que, segundo parece provado, não passa de uma compilação de velhos alfarrabios sobre linhagens. Sendo assim, não era muito que o conde avesado ao officio de compilador, o exercesse tambem com respeito ás trovas alheias, cantadas não só em Portugal, como nas outras cortes da Hespanha, dando-se apenas ao trabalho de acomodar ao seu canto e musica as que não tinham côr local estrangeira (como tantas que ha no Cancioneiro da Vaticana), ou lhe convinham para fazer suas declarações amorosas. — Contribue a fortalecer esta idéa a circumstancia de apparecer o Conde neste ultimo grande Cancioneiro (ou por ventura collecção de pequenos Cancioneiros) em que ainda hoje, apezar de falto do principio, se contarão mais de mil trovas, com tão poucas composições originaes suas (tres de *amigo* ou eroticas, e seis de *escarneo* ou *mal-dizer*, e que hoje denominariamos satyricas) e essas de fraco merecimento, ao passo que tantas cantigas ahi se acham d' elrei D. Diniz, de João de Guil-

* A. Herculano, "*Mem. sobre a origem provavel dos Livros de Linhagens*" etc. Lisboa 1854, pag. 7.

lade, de João Ayras, do clérigo Roy Fernandes e outros, que parecem mais fecundos ou de mais estro.

Na pequena amostra de varias trovás desse Cancioneiro, que (acompanhando uma noticia e descripção d'elle) entregamos ao prelo ao mesmo tempo que esta folha, incluimos tres das mencionadas composições do Conde, só pela circumstancia de serem suas. Que o mesmo Conde teve, no seu tempo e ainda depois, nomeada como trovador não ha a minima duvida; e ate julgamos que a elle, denominando-o "rimante d'elrey", se refere um trovador seu contemporaneo, que depois de elogiar ao rei de Portugal (Affonso 4º. provavelmente) diz:

E al do Conde falemos,
 Que é rimante d'elrey:
 E muito bem d'el diremos,
 Segundo como assi sei.
 Se fosse seu o "Thesouro",
 Que elrey de França tem,
 Tambem prata com ouro
 Daria todo o seu sen.

Se porém para tanta nomeada concorreram muito as circumstancias de fazer elle collecção de trovás e de ser v. gr. dotado de boa voz e ouvido musico, isso é o que cumpriria averiguar. Se acaso resultassem ser de Alonso XI, seu contemporaneo, conforme começamos a suspeitar, e não do autor *

* Dissemos na pag. XXX da Introducção que tinhamos copia destas poeias d'Alonso Sabio, tirada do exemplar de Toledo. Projectavamos imprimil-as, quando conseguimos ver o exemplar do Escorial, acompanhado de solfa e de vinhetas coloridas, e fomos de voto que a edição só deveria fazer-se

das *Cantigas á virgem* como alguém imaginou,* varias trovas que no mesmo Cancioneiro se dizem apenas de "elrey D. Affonso de Castella e Leon", talvez muita luz viesse a esse respeito em nosso auxilio. N' uma dessas trovas accusa o rei a Pero da Ponte de trovar errado, diz que melhor fóra não se houvesse elle mettido a trovador, e acrescenta que dessas trovas erradas se aproveitava "D. Pedro"; e que ainda para mais o mesmo "D. Pedro" havia ido a *filhar* a Cotom, outro máu trovador:

Pois que se de quant' el troba errado
 Serve D. Pedro, e non lh' y da en grado:
 E convicto, ser enforcado
 Deve D. Pedro, porque foy
 Filhar a Cotom etc.

Do mencionado numero de cantares do nosso Cancioneiro que ate agora temos notado como transcriptos tambem no de Roma (numero que provavelmente se irá augmentando á proporção que elles forem sendo mais estudadas) pertencem a Fernão Velho as oito de n.º 92 a 99 (das Trov. e Cant.); a João de Guillade as outras, de n. 237 a 243, 248 e y de pag. 318; a Vasco Ro-

com auxilio da chromo-lythographia, para que o livro venha, como deve, a figurar não só como um monumento da poesia mas tambem da musica, e até dos trages e usos do tempo.

* "Ferdinand Wolf, Studien zur Geschichte der spanischen und portugiesischen Nationalliteratur, Berlin, 1859", pag. 702, segundo pelo Sr. Friedrich Dietz no seu livrinho "Ueber die erste portug. Kunst- und Hespoeie, 1863", pag. 13.

drigues de Cavello outras oito, pela ordem que ainda se acham no codice de Lisboa, e são as nossas *a* e *b* (de p. 297 e 298), n.º 117, 118 e 262 a 265; a João Vasques as quatro de n.º 272 a 275; a Pero da Ponte as outras (cinco) de n.º 112 a 116; a Pedro Solaz as n.º 123 e 124; a Pedro Barrozo as n.º 231 e 232; a Affonso Lopes Bayão as n.º 233 e 234; a Men Rodrigues Tenoyro as n.º 235 e 236; a Pay Gomes Charrinho as n.º 276, 278 e 285; a Ayres Vaz a 187; a João de Aboim a 271; e finalmente a Roy Fernandes as dos fragmentos *m*, *n* e *o*, que, conjunctamente com as 94, 99, 235, 248 e *y*, ora ficam completamente restauradas.

E' para notar-se que muitas destas composições se encontrem nos dois cancioneiros de Roma e de Lisboa collocadas pela mesma ordem, prova não so de que, nessa parte em que ellas se acham, o Cancioneiro de Lisboa tem ainda as folhas sem haverem soffrido o transtorno que soffreram outras, como de que um Cancioneiro (referimo-nos ao original de que o de Roma deve ter sido copia) ajudou a compor o outro; sendo provavelmente o plagio da parte do collecter ou rapsodista do de Lisboa, que omittiu os nomes dos *inventores* das trovas. Da confrontação entre as mesmas composições que se encontram nos dois codices, colligimos em favor dos do nosso algumas correções e retoques, das quaes passaremos a indicar as mais importantes, reservando as outras para a nova folha de erratas (adicional á de pag. 369) que acompanha estas novas paginas.

Correcções e variantes essenciaes subministradas pelo cancionero do Vaticana.

c. 94.

Devem acrescentar-se no fim mais os cinco seguintes versos:

“Señor que eu vi por meu mal
 Pois eu de vós a partir ei
 E ir allur sen vós viver
 E logo ù m’eu de vós partir
 Morrerey, se m’y deus non val.”

Já se vê que o 2º e 3º são repetição do estribilho da 1ª copla.

c. 99.

Devem ler-se, correctos, os primeiros versos do modo seguinte:

“Meus amigos muito me praz d’amar
 Que entend’ ora que me quer matar
 Pois mi a min deus non quiz, nen mia Señor,
 A que roguei de me d’el amparar.”

E no fim ha que acrescentar a seguinte volta:

“Ca pois m’el non quer amparar

E me no seu poder quer en deixar,"
Nunca muito emparado serei.

c. 117.

Lê-se na Vaticana no 2º verso *son'* (somno)
em vez de *sol*, e no 3º *sempre* onde diz *muito*.

c. 118.

O estribilho lê-se assim:

Leixei-l-a terra por ll'y non fazer
Pezar, e vivo ù non posso viver.

c. 187.

O 1º verso diz:

A dona que eu vi por *meu* mal.

Assim o 2º deve ler mais correctamente ler-se

E que me *grande* coita deu.

No principio da 3º. v. da 2ª. copla lê-se
"Pois" em vez de "E".

c. 232.

Diz o 4º verso

E vedes Señor, por que non:

c. 235.

O tres primeiros versos deste cantar de Men Rodrigues Tenoyro apparecem aqui restaurados. São os seguintes:

“Señor fremosa, crede por min
Que vos amo ja mui de corazon
E gran dereito faço e gran razon.”

No 4.º verso da 2.ª. copla lê-se menos correctamente *fermosa* em ver de “Señor”.

c. 238.

Na cantigo faltam na 3.ª. copla, evidentemente por omissão, as palavras

quant' affan levei
Por vós

Mas no fim repete-se o estribilho

Meu amigo etc.

c 239.

Começa muito mais correctamente:

Quando eu parti d'ù m'eu parti
Logo eu perdi aquestes meus

Ollos de veer, e par deus
Quanto ben avia perdi;

Os dois 1º. versos da 2ª. copla leem-se:

Ca non vej' eu, e pero vej' eu
Quanto vej' eu non m' y mal ven.

O 4º. da 3ª. copla é

Se ben vejo, nen se ben ei —

c. 248.

Faltam, por salto manifesto, as palavras do
3º. e 4º. verso:

vós poren de non
Non amigo;

Completa-se porém a parte do 1º. verso da
2ª. copla, raspada no codice de Lisboa, lendo-se:

U vos non vejo *non hei eu prazer.*

c. 262.

Falta a 3ª. copla.

c. 263.

Esta' errado o 1º. verso da volta:

Cuide muito mal,

Vem porém melhor que na nossa edição o 2º.

Por que *quer'* a^r muy boa Señor bem.

c. 265.

Faltam as tres primeiras palavras do 3º verso; diz "*faz*" e não "*fez*" nas lin. 7ª. e 12ª., e *sofro* e *muitas*, em vez de *vivo* e *grandes* nas lin. 9ª. e 13ª.

c. 273.

Encontra-se na Vat. só a 1ª. copla; e o 1º. verso do estribilho diz

Que nunca eu pud' y veer.

c. 276.

Alem de algumas variantes, taes como *quem* por *qual*, *er cuidei* por *cuidava* etc., faltam na Vaticana os ultimos sete versos, que se acham na nossa pag. 284.

c. 278.

Faltam os nossos ultimos desesete versos; mas vem bem escriptos os primeiros, que devem ler-se da forma seguinte:

Oy eu sempre, mia Señor, dizer
Que peor é de soffrer o gran ben

Ca o gran mal; e maravillo-m'en;
 E non o pude, nen posso creer
 Ca soffr' eu mal por vós, qual mal, Señor,
 Me quer matar etc.

c. 285.

Na Vat. falta a volta final e está alterada a ordem entre a 2ª. e 3ª. copla.

b (pag. 298).

Falta na Vat. a volta; e estão invertidas as coplas 2ª. e 3ª., lendo-se o principio desta do modo seguinte:

E se soubess' en qual coita d' amor
 Por ela viv', e quanto afan *eu ey*.

m, n, o (p. 310 e seg.).

A canção *m* bem como as duas seguintes, de que havíamos aproveitado a custo muitos versos das folhas que haviam estado pegadas á capa do codice de Lisboa, ficam completamente restauradas.

A primeira lê-se integra na Vat. do seguinte modo:

Se hom' ouvesse de morrer,
 Señor, vendo o gran pesar

Da ren que mais soubess' amar
De quantas (deus) *quiso fazer*,
Eu non podéra mais viver
Hu vos for (on) daqui fillar,
A *forsa* de vos elevar,
E vos non puyd' eu (y) valer.

Non me soub y conselh' aver,
Per como podess' en durar
A coyta ('n?) que me vi andar
Pola *forsa* que vos prender
Vi, e quiser' ante sofrer
Mort' ũa vez e acabar
Vivo per haver a estar
A tan grave pesar a ver.

E nunca no mundo prazer
Des aqui ja mais aguardar,
E sempre m' aver a queixar
A deus, per el esto querer;
Mais hũa ren posso creer
Que des que m' esto foy mostrar
Por en me leyxo de matar
Q' aja sempre que doer,
E que nunca possa toller,

*

E que sempre já desejar
Vós c' o vosso parecer.

Ca nunca m' a d' escaecer
E no mal sempre cuydar
Ben me posso maravilhar
Por mha morte non aducer.

E nunca deus queyr' a prazer
Que nunca el queira mostrar
A nulh' ome tanto pesar
Quant' el poderia sofrer.

Acerca da *n* confirma - se quanto dizemos na.
pag. 358, lendo - se do modo seguinte a 2^a. e 3^a
copla e estribilho da

o (p. 312).

Que muyto que eu desirey
De vos veer e de vos falar,
E foi m' o Deus agora guisar,
Senhor, e mays vos en direy:
Non cuidára tant' a viver
Como vevi, sem vos ver.

E des que m' y fes esse ben,
Ainda m' outro ben fará,

Poys el quis que vos visse já,
Mha Señor, ca per nenhun sen,
Non cuidára etc.

y, p. 318 e 319.

Esta composição de Guillade, da qual o codice de Lisboa não contem mais que a 4.^a copla, metade da 3.^a e o 1.^o verso do estribilho, se completa de todo pelo exemplar de Roma, que ate a traz repetida, sendo, segundo nossa numeração, a 28.^a e logo a 35.^a do Cancioneiro, advertindo que o 1.^o verso falta da 1.^a vez e só se encontra na repetição, a qual provavelmente teve logar, como outras vezes, por descuido, que até se deu com uma das do rei D. Diniz. Eis a integra dessa cantiga:

U. 33

Que muitos me perguntarán,
Quando m' ora virem morrer,
Porque moyr', e quer' eu dizer
Quanto send' eu, pois saberán
Moyr' eu por que non vej' aqui
A dona que non vej' aqui.

E perguntar m' an, eu o sei,
Da dona que diga qual é;

**

E vos rogo, por boa fé,
Que nunca lhes er mais direi
Moyr' eu etc.

E diran me que parecer
Viron se (?) as donas mui ben;
E direy-vo-lhes eu porén
Quanto m' ora oystes dizer:
Moyr' eu etc.

E non dig' eu das outras mal
Nen ben, nen sol, nen falo y;
Nays pois vejo que moyr' assi
Digo est' e nunca direy al:
Moyr' eu etc.

Pelo que levamos exposto advertirá por certo o leitor que nos cantares 99, 118, 239 e 278 nos haviam escapado descuidos pelo que toca á verdadeira partição dos versos.

Ainda mal, não foram esses os unicos, que, já antes de alcançarmos copia do cancionero da Vaticana, haviamos advertido; visto que essa tarefa se nos tornou mais facil, desde que, por meio da nossa propria edição, vimos as poesias

destacadas do confuso cahos que se nota *, assim no manuscrito, como nas paginas da edição Stuart.

Aqui passaremos a apontar por sua ordem tanto essas irregularidades, como outros retoques que concorrerão não só a melhorar a nossa edição, como a prestar algum pequeno contingente á immediata, que sem duvida será tanto mais acabada e completa, quanto mais haja antes sido por muitos estudado, depois de impresso, o mencionado cancioneiro de Roma, relacionado intimamente, segundo indicamos, com este, e repleto de informações, sobre a biographia dos Trovadores, os costumes e a vida das côrtes de Portugal e (principalmente) de Leon etc., as quaes poderão vir a designar o anno preciso em que algumas das nossas trovas originalmente se compozeram.

Passemos porem ás observações e retoques promettidos.

c. 34.

O 7º. verso deve separar-se, passando a ser o 1º. da 2ª. copla, sem o ponto depois de "aver".

*. Quando nos lembramos do tal cahos, quasi nos admiramos que tanto a este, como a outros respeito, não saiu a nossa edição muito mais imperfeita.

c. 50.

A 4ª. copla deve acabar no verso

Pois poder á de lle valer

pondo ponto e virgula no verso anterior.

c. 68.

O ultimo verso da 3ª. copla parece dever ser o 1º. da 4ª., que nesse caso fica completa.

c. 78.

Lêa-se como 3º. verso:

Non haja ren de me valer.

c. 133.

O 1º. verso parece pertencer a outra cantiga; mas não á anterior, como dissemos na pag. 350.

c. 139.

Lêa-se:

Des' oge mais já sempr' eu rogarei
Deus, por mia morte etc.

c. 148.

- Nunca tan coitad' ome por moller
 • Foy com' eu por ãa que me non quer
 Fazer ben, pero se mi o non fezer
 E' cousa guissada
 De non viver nada
 Se me deus non der
 Ben tallada,
 Nen vida longada
 Non mi a min mester.

E mellor me será a mi de morrer
 Ca senpr' assi como vivo viver
 Coitado pola que non quis dizer
 A mi n' outro dia
 O per que guaria,
 Per que gran prazer
 Ela me faria,
 Par Santa Maria,
 Non mi o quis fazer.

E poil-a eu vi, senpre a vi puñar
 En me de seu preito e de se quitar,
 Mais agora ja por me mais coitar;

Por ende me disse
 Que a nunca visse
 En logar estar
 Que ll' eu non fogisse,
 E que a non visse
 Por m'en me matar.

c. 174.

Começa:

“Quando eu podia mia Señor
 Ver ben, desejava enton.”

c. 203.

O estribilho deve ler-se em 3 versos:

Ja nunca dela cuidei al
 Aver por deus que pod' e val'
 Erg' esta coita que me ven.

c. 221.

Supram-se algumas virgulas etc. que faltam.

c. 258.

Lêa-se:

Non me poss' eu, Señor, salvar

Que muito ben non desejei
 Aver de vós, mais salvar m' ei
 etc.

Pelo que respeita á cantiga 140, que tanto nos deu que fazer (v. p. 350), parece confirmado que estão dois versos della em provençal; e devem, com os dois anteriores, ser lidos, segundo o Sr. Dietz, que hoje consideramos como primeira autoridade nestas materias, do modo seguinte:

Dizer-vos quer' eu ãa ren,
 Señor, que sempre ben quige,
Or sachaz veroyamen,
Que ie soy votr' ome lige.

Com o mesmo venerando philologo estamos dispostos a admittir que as palavras *mal'* e *voló*, poderão não ser mais que erros, de leitura ou dos manuscriptos, por *val'* e *vol-o*; tambem admittimos que *aveer* não signifique *avir*, que, no 4.º verso da 3.ª. copla da c. 192 (p. 353), se deva ler

“... pois la vi,” etc.

e finalmente que não e' indevida a repetição da palavra “Señor” na c. 151 (v. p. 351, 5.º). —

Não podemos porem concordar com o mesmo Sr. Dietz quando julga que *avidar* deve ter sido erro de leitura por *ajudar*. O verbo *avidar* se

encontra tambem em poesias do Cancioneiro da Vaticana. Tão pouco julgamos que *perdito* e *nan* sejam erros de copia por *perdido* e *nen*; visto que esta última palavra ainda é empregada pelo povo (quando v. gr. diz *nan-ja-eu*) e o *perdito* se lê tambem no Cancioneiro de Roma, bem como outras vezes *perdud'*.

Do mesmo modo não podemos concordar com o Sr. Dietz a respeito da importancia que liga ao escrevermos *vos* para designar o possessivo, que algumas vezes os antigos escreviam *vus*, a fim de o distinguir do pronome pessoal *vós*, que escreviam sem *accento*. Assim por convenção os antigos escreviam *vus* e *vos* e nós hoje *vos* e *vós*; mas no fundo a pronunciação seria a mesma que actualmente; pois que todos sabem que o *vos* possessivo sôa hoje em Portugal quasi como *vus*, que tem o inconveniente, sem vantagem marcada, de contribuir a dificultar a leitura e de dar á linguagem uma feição mais barbara e agallegada do que a verdadeira.

Assim desde já aqui advertimos que nos trechos que citamos do cancionero da Vaticana não hesitamos em escrever sempre *vos* (sem o *accentuado*) onde encontramos *vus*, *accentuando* o *o*, onde a leitura pedia evidentemente um *vós*. Ao menos seremos sempre neste ponto consequentes; ao passo que nos manuscriptos não encontramos sobre isso nenhuma regra fixa; o que se nota principalmente na repetição dos estribilhos, onde, sendo os mesmos versos e as mesmissimas palavras, se vê n' um delles escripto *vus*, e n' outros *vos*.

E já que falamos dos estribilhos, diremos que ainda a outros respeitos, tanto no codice de Lisboa, como no de Roma, elles nos servem a comprovar a incuria com que foram copiadas as trovas, a ponto de haver logares em que só, digamos assim, ás apalpadelas, é que se chega a poder quasi que *advinhar* pelo sentido certas palavras. Nos estribilhos, notam-se muitas vezes erros tão grosseiros, evidenciados na repetição, pelo menos das primeiros palavras delles, que nos explicam como, nas coplas que se não repetem, terão elles escapado, sem haver meio de os rectificar. Tudo isto faz arraigar cada dia mais em nós a convicção de que só mediante o trabalho perseverante de muitos, * ajudando-se uns aos outros, é que se chegará a conseguir que para o futuro as lettras venham a possuir, com a correccão possível, as trovas e cantares dos dois Cancioneiros, monumentos da nossa lingua e da poesia provençal nas Hespanhas.

* Sempre foi esta a nossa opinião, segundo se pode ver na Introduccão pag. XIII.

F. A. de V.